

Bilhões de dólares podem vir para o Brasil

É a conversão da dívida externa: os bancos dos EUA já podem comprar até 100% de ações de estatais a serem privatizadas.

Os bancos norte-americanos foram autorizados pelo Federal Reserve Board (**Fed**, o banco central dos Estados Unidos) a converter parte da dívida externa dos países do Terceiro Mundo em investimentos equivalentes a até 100% das ações de empresas do setor público em vias de privatização. A medida se estende a pelo menos 33 países em desenvolvimento, e alguns banqueiros já esperam que o Brasil esteja entre os que se disporão a tornar viável este tipo de conversão.

Segundo informa de Washington a repórter **Marieleza Augelli**, esta conversão da dívida latino-americana em capital de risco foi recebida entre banqueiros e analistas financeiros como positiva, apesar de algumas restrições impostas para sua imediata aplicação.

“Trata-se de uma boa notícia para os bancos e também para os países da América Latina, que terão mais um recurso para saldar suas dívidas externas”, afirmou um banqueiro membro do Comitê dos Bancos Norte-americanos, acrescentando que a comunidade só não gostou das restrições que acompanham a medida, principalmente aquelas que estabelecem um prazo de cinco anos para estas transações (apesar da possibilidade de renovação por mais cinco anos), e o fato da resolução ser válida somente para empresas do setor público em processo de privatização.

A decisão, anunciada na noite de quarta-feira pelo porta-voz do **Fed**, torna a conversão aplicável somente nos países que fizeram uma reestruturação de sua dívida externa de 1980 para cá — e foi conseguida por pressão da maioria dos bancos norte-americanos, liderada pelo Citicorp. Na verdade, o **Fed** mantinha uma regulamentação segundo a qual investimentos deste tipo só poderiam ser aprovados em um limite de 20% das ações de uma empresa e, agora, a nova legislação libera esta aplicação para até 100% das ações.

De acordo com vários banqueiros norte-americanos, a conversão das dívidas de países em desenvolvimento em capital de risco já vem sendo feita, principalmente no México, Chile e Filipinas, há pelo menos quatro anos, e o mercado tem crescido consideravelmente. Já em 1983, o mercado de conversões foi responsável por 1,5 bilhão de dólares em investimentos, ao passo que em 1986 eles ascenderam à marca dos 8 bilhões; para este ano, espera-se que pelo menos 10 bilhões de dólares em investimentos sejam feitos por conversão da dívida.

“Esperamos que esta nova medida possa estimular o Brasil a olhar com bons olhos e a regulamentar este modo de conversão da dívida”, afirmou um executivo de um dos maiores bancos credores do Brasil. Segundo ele, não são justificadas as críticas de políticos e economistas brasileiros contrários aos investimentos estrangeiros. A mesma fonte afirma que o Chile, por exemplo, conseguiu no ano passado reduzir em cerca de 10% sua dívida com este recurso e, embora isto não resolva o problema da dívida em si, “já é um bom passo na direção certa para lidar com o problema”.

Porta-vozes do Citicorp, por sua vez, negaram-se a fazer qualquer comentário sobre a medida, dizendo que ainda é muito cedo para se prever o que pode acontecer no mercado de ações. No entanto, não é novidade que o Citicorp foi um dos principais bancos a fazer um acirrado **lobby** para a aprovação da medida. Isto porque, segundo o seu presidente, John Reed, é intenção do maior credor do Brasil converter as dívidas da América Latina em até cinco bilhões de investimentos, conforme afirmou à imprensa em 19 de maio último, quando anunciou a sua decisão de acrescentar maiores reservas para compensar as perdas com as dívidas do Terceiro Mundo.

Do mesmo modo, representantes do Chase Manhattan se mostraram cautelosos em fazer qualquer comentário sobre a medida, alegando que ainda a estudam em toda a sua extensão e dependem de contatos com as empresas latino-americanas para saber o que poderá ser feito. Já são conhecidas algumas posições, como a do Brasil, segundo a qual este tipo de investimento estrangeiro poderia implicar em futuras ingerências em assuntos que envolvem a soberania nacional. Mas os banqueiros contra-argumentam que serão prudentes, pois correm o risco de terem seus investimentos nacionalizados.

“É claro que os países do Terceiro Mundo precisam ser cautelosos sobre como fazer esta transação. É preciso estabelecer normas específicas para manter controle sobre as conversões, o que é direito e responsabilidade de todo o país soberano. Mas, de maneira geral, a idéia é bastante interessante”, afirmou um analista financeiro, para quem os deputados da Constituinte que estão contra os investimentos estrangeiros no Brasil “por questões nacionalistas”, estão cometendo um grande erro, “principalmente no momento atual, de recessão e crise”.

Para alguns banqueiros, a medida é um avanço por ser a primeira a tratar da dívida latino-americana tomada pelo novo presidente do **Fed**, Allan Greenspan.

URUGUAI NOS VETA

Produtos brasileiros e argentinos não podem mais entrar no Uruguai. A decisão, do governo daquele país, foi tomada para atender às pressões de associações comerciais e industriais uruguaias, que reivindicavam a proibição de compras na fronteira, porque isso estava prejudicando os seus negócios.

Os turistas uruguaios atravessavam as duas fronteiras para fazer as compras. E, segundo a polícia alfandegária, havia de fato abuso, pois não só o poder de compra dos uruguaios é superior ao dos brasileiros e argentinos como os alimentos e roupas custam mais barato do que os fabricados no Uruguai.

Corredor fluvial

O presidente José Sarney recebeu ontem o ministro dos Transportes e Obras Públicas do Uruguai, Jorge Sanguinetti, e incentivou os entendimentos que vêm sendo mantidos para a criação de um corredor fluvial no rio Paraná. Segundo o ministro, esse corredor faz parte do esforço de integração dos dois países e possibilitará um maior intercâmbio comercial. Jorge Sanguinetti disse que conversará ainda com o ministro da Aeronáutica, brigadeiro Octávio Moreira Lima, sobre projetos aeronáuticos conjuntos Brasil/Uruguai. Ele entregou a Sarney uma mensagem “de amizade” do presidente Júlio Sanguinetti.